



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA SUELI DE MELO FRAGOSO GALDINO

A FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA A EDUCAÇÃO NO CAMPO

**JOÃO PESSOA– PB
2014**

MARIA SUELI DE MELO FRAGOSO GALDINO

A FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA A EDUCAÇÃO NO CAMPO

Monografia apresentada no Curso de Especialização, Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nerize Laurentino Ramos

**João Pessoa – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G149f Galdino, Maria Sueli de Melo Fragoso
A formação de educadores para a educação no campo
[manuscrito] : / Maria Sueli de Melo Fragoso Galdino. - 2013.
48 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2013.

"Orientação: Profa. Dra. Nerize Laurentino Ramos,
Departamento de Educação".

"Co-Orientação: Nerize Laurentino Ramos

1. Educador. 2. Educação no Campo. 3. Desafios. I. Título.
21. ed. CDD 370.1

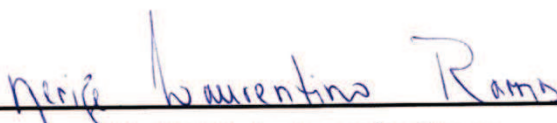
MARIA SUELI DE MELO FRAGOSO GALDINO

A FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA A EDUCAÇÃO NO CAMPO

Monografia apresentada no Curso de Especialização, Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 19/07/2014.

Banca Examinadora



Profª Drª Nerize Laurentino Ramos
Orientadora (UEPB)



Profª Drª Valdecy Margarida da Silva
Examinadora (UEPB)



Profª Drª Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Examinadora (UEPB)

Aos meus familiares, mestres e todos que participam direta ou indiretamente na conclusão deste trabalho, em especial a professora Dr^a. Nerize Laurentino Ramos .

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela determinação e coragem por tudo que tenho e que sou, por ter permitido chegar aonde cheguei, a ele dedico esta vitória.

Aos meus pais que sempre transmitiram ensinamentos para a vida aumentando minha capacidade e possibilitando realizar este sonho minha terna gratidão.

A minha família em especial, que com palavras de estímulos contribuíram para esta conquista meu muito obrigada.

Aos meus companheiros agradeço aos verdadeiros amigos são aqueles que atendem nossos sentimentos e pensamentos mesmo quando não nos expressamos através de palavras e aquele que aumenta a nossa capacidade inunda a sua à nossa, e possibilitam-nos realizar coisas que nós próprios julgamos impossível de realizar.

Agradeço aos mestres por transmitir os ensinamentos para a vida a eles por persistirem nessa atividade tão importante.

*Há homens que lutam um dia e são bons.
Há outros que lutam um ano e são melhores.
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Porém, há os que lutam toda a vida.
Esses são os imprescindíveis.*

Bertolt Brecht

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a formação de educadores para a educação no campo e os desafios encontrados nas escolas públicas, uma vez que este profissional, qualificado para auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem, geralmente encontra nas instituições que trabalham condições de inserção profissional limitadas. Sendo assim, o que se propõe como estudo e fazer um levantamento das condições físicas e pedagógicas da escola pública do campo, assim como a participação da família, através de dados, reflexões e sugestões; buscar uma melhor atuação do educador e discutir a importância e necessidade da atuação deste profissional contribuindo para o desenvolvimento de uma educação de qualidade. Esta pesquisa foi desenvolvida nas escolas públicas Jairo Vieira Feitosa e Monsenhor Vicente Freitas, para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica, seguida de entrevista com análise dos dados o que forneceu elementos para o embasamento das conclusões relatadas. Consideramos importante enfatizar a importância da atuação do educador, o qual pode contribuir de forma bastante significativa, proporcionar melhores condições de aprendizagem e oportunizar uma melhor integração entre os demais alunos e profissionais que atuam nas escolas.

Palavras-chave: Educador. Educação no Campo. Desafios.

ABSTRACT

This paper presents a reflection on the training of teachers for rural education and the challenges encountered in public schools, since this professional, qualified to assist in the development of learning, usually found in institutions working conditions of limited employability. Thus, what is proposed as a study and make a survey of the physical and pedagogical conditions of public school field, as well as family involvement, through data, reflections and suggestions; seek a better performance of the teacher and discuss the importance and necessity of this action contributing to the professional development of a quality education. This research was conducted in a public school Jairo Vieira Feitosa e Monsenhor Vicente Freitas, for both a literature search was performed, followed by an interview with the analysis of data that provided evidence for the basis of the findings reported. We consider it important to emphasize the importance of the role of the teacher, which can contribute quite significantly to provide better learning conditions and possible a better integration between the other students and professionals working in schools.

Keywords: Educator. Education in Countryside. Challenges.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ELEMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DO TEMA DA PESQUISA: formação de professores para educação do campo	13
1.1A relação entre os educadores / educandos	18
2. O TRABALHO PEDAGÓGICO NO CAMPO	21
2.1- Análise e Discussão	22
2.2. O processo de inclusão e exclusão	27
2.3 – Aprendizagem	29
2.4 – Avaliação	31
2.5 - A atuação do educador no campo	32
3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERENCIAS	
APÊNDICES	
Apêndice- A -Dados administrativos da Escola	
Apêndice- B- Educadores	

INTRODUÇÃO

Sendo a escola um local de construção e reconstrução do conhecimento, entendemos que ela se configura como um espaço de trabalho realizado por um conjunto de profissionais que interagem para a formação do educando. Por isso, compreender o passado, bem como os conflitos e dilemas dessa profissão e confrontá-los com as práticas atuais, é um exercício imprescindível para entender a constituição da profissão docente e os caminhos da formação.

A equipe escolar deve encontrar-se em sintonia. Partimos do princípio de que todas as funções são importantes na busca por uma relação ensino/aprendizagem eficiente, capaz de alcançar os objetivos propostos pela instituição educativa; que por sua vez, não é um trabalho fácil, pois a escola enfrenta cotidianamente muitos problemas por não conseguir acompanhar o ritmo das mudanças que ocorrem no âmbito local, regional, nacional e mundial.

Desta forma, buscamos entender o processo de formação de educadores para educação do campo, uma vez que este profissional é preparado para estar atuando de maneira significativa no processo da aprendizagem, podendo, assim, contribuir para uma melhor interação e desenvolvimento das atividades escolares e de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Neste trabalho, identificamos alguns desafios do educador na instituição escolar pública, suas limitações, sua integração à escola, permitindo-se assim a interação com os alunos e professores, condição necessária para a formação pessoal e social.

Para tanto, compreendemos que, mesmo diante das adversidades, é possível oferecer uma educação com qualidade nas escolas públicas, com a atuação do educador, desde que esteja fundamentada na apropriação das particularidades vivenciadas em cada instituição e, principalmente, na busca pela realização de ações integradas, onde toda a equipe possa participar ativamente do processo, favorecendo resultados satisfatórios e elevando a auto-estima dos profissionais envolvidos.

Para realização deste trabalho, partiu-se de uma pesquisa de campo, tendo como técnica de pesquisa a aplicação de dez questionários a educadores, coordenadora e gestores escolares, através dos quais buscamos observar o contexto e as características da escola.

Esse trabalho buscou analisar a formação de educadores para a educação no campo. Para tanto buscou-se analisar os aspectos, físico, pedagógico e familiar.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos os elementos para construção do tema da pesquisa: formação de professores para educação do campo; no segundo fazemos uma reflexão sobre o trabalho pedagógico no campo, o terceiro relata os passos seguidos na metodologia da pesquisa e o quarto traz as considerações finais.

1. ELEMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DO TEMA DA PESQUISA: formação de professores para educação do campo

Na atualidade, o capital mais importante de um país é o conhecimento. Produzi-lo, contudo, depende de uma boa formação dos seus habitantes. Assim, a ausência de uma educação escolar de boa qualidade, efetivada por professores bem preparados e conscientes da importância social da escola, pode comprometer o desenvolvimento das inteligências necessárias a um mundo que demanda muita produção de conhecimento e mentes inovadoras (BOURDIEU, 1998, p. 52).

As constantes transformações sociais, inerentes a um mundo globalizado, são potencialmente sentidas em função do princípio neoliberal que mede as ações no mundo. Como efeito desse fenômeno, presenciamos as lutas por justiça social, distribuição de renda, reconhecimento de grupos étnicos e de outros grupos sociais que clamam por direitos de cidadania e sobrevivência. Estes embates políticos têm reflexos em todas as instituições sociais, como, por exemplo, a escola, e passam a exigir dela e dos profissionais que nela atuam ações desafiadoras.

O processo de globalização econômico e social, bem como as inovações tecnológicas, científicas e a dinâmica das relações sociais impõem à escola um modelo de educação diferente daquele que ainda vigora em muitas instituições educativas e que remonta ao princípio da época do movimento Iluminista, ou seja, uma educação centrada nos saberes e conhecimentos dos professores. Dessa maneira, as escolas enfrentam diariamente uma luta “contra os alunos”, que se configura da seguinte maneira: de um lado, estão as instituições e os professores, com métodos canônicos e saberes que não interessam aos alunos, de outro, alunos que, cada vez mais, absorvem um contexto inovador globalizado, distante do ambiente escolar. No meio desse enfrentamento está a família, que deposita na escola o papel de educar seus filhos, mas não contribui para isso (ARROYO, 1998).

O cenário descrito acima aponta para a inevitável necessidade de se pensar e agir em direção à construção de um novo modelo de instituição escolar. Uma escola que esteja atenta aos anseios dos alunos, no que diz respeito às transformações sociais e tecnológicas, e que possua um corpo de profissionais atentos às demandas sociais e suas mudanças.

Sobre isso, muito bem desenha Imbernón (2009, p.19), quando, nas suas reflexões sobre as mudanças sociais, afirma que:

Essa evolução acelerada da sociedade em suas estruturas materiais, institucionais e formas de organização da convivência, modelos de família, de produção e de distribuição, refletem numa transformação das formas de viver, pensar, sentir e agir das novas e velhas gerações.

Ao longo da história do Brasil o processo de exclusão social e também político, econômico e cultural, sempre estiveram presentes e eram tidos como algo “natural”. Ainda nos dias atuais, fazer uma referência a este processo de exclusão não leva a um debate tranquilo, a resistência ainda é forte por parte da sociedade neoliberal, principalmente por aqueles que ainda se beneficiam com a exclusão social.

Assim, a educação torna-se cada vez mais complexa, e o mesmo acontece com a profissão docente, exigindo-se que o profissional da educação abandone a concepção de mero transmissor do conhecimento acadêmico, que nos dias atuais é obsoleta, e se posicione como agente de interação entre o aluno e os seus conhecimentos.

No atual contexto das aprendizagens escolares, emerge a constatação de que a função clássica da educação escolar, que é a formação da pessoa, não está atendendo à complexidade dos problemas da vida, ou seja, não está promovendo a formação do aluno para atuar como cidadão na construção da realidade social. Com essa afirmação, não fazemos referência apenas a questões tecnológicas e ecológicas, incluímos também os dilemas morais, ao qual a escola não pode permanecer indiferente, sob o risco de não formar sujeitos conscientes e críticos da sociedade. Como Morin (2000, p.55), acreditamos que conhecer os limites do conhecimento foi à maior contribuição que o Século XX deu ao conhecimento. “É o indivíduo que sente no dia-a-dia a incerteza do sentido de sua vida”. O autor assinala as duas grandes incertezas que marcam a condição humana: a cognitiva e a histórica.

A incerteza do conhecimento está submetida a três princípios: o cerebral – o conhecimento como tradução e construção; o físico – conhecimento dos fatos; e o epistemológico – decorrente da crise dos fundamentos da certeza. O autor supracitado afirma, ainda, que o conhecimento e o pensamento ocorrem no diálogo com a incerteza e que ao educador é indispensável ter clareza sobre o sentido de sua missão. Assim, quanto maior o grau, ou a quantidade de incerteza, ou o tipo, ou a natureza da inovação, as

atividades educativas exigirão mais teorização e pesquisa, e, portanto, atividade reflexiva (MORIM, 2000).

No bojo das discussões sobre a melhoria da boa qualidade da educação escolar, a atuação dos professores, invariavelmente, figurou como um dos principais fatores. Essa preocupação dirige o foco da atenção necessariamente para a formação desse profissional. Atualmente, temos a clareza de que a formação dos professores se configura como uma atividade complexa que envolve duas etapas que se complementam. A primeira etapa é a formação inicial e a segunda, a formação continuada. A fase inicial se efetiva, fundamentalmente, nas instituições de ensino superiores e conta com a intervenção do poder público, no que se refere à oferta de cursos em instituições públicas, assim como por meio do estabelecimento de diretrizes curriculares. No âmbito da formação continuada, o processo ocorre de diversas maneiras, em variados ambientes e conta com políticas governamentais, que se efetivam por meio de programas específicos, e de incentivos voltados à progressão na carreira (BOSSA, 2004).

A formação de professores é um assunto que está presente não só em congressos educacionais, grupos de pesquisa, universidades e escolas, como também nos meios de comunicação e pautas de governantes. Na linha das preocupações sobre o professor e sua formação, algumas questões básicas alimentam a discussão, como, por exemplo, que tipo de educação é oferecido na escola? Como formar melhor o professor? Como deve ser o processo de formação continuada desse profissional? Quais são as instituições e os agentes que estão mais bem preparados para oferecer a formação continuada aos professores.

Nesse conjunto de questionamentos, também nos interrogamos constantemente a respeito da contribuição que o próprio ambiente de atuação profissional do professor pode oferecer. É possível que a escola e os profissionais que nela atuam possam oferecer algum tipo de formação continuada para o professor? Sim. Acreditamos que é possível a escola contribuir para isso, sobretudo, se considerarmos que nela emergem os maiores problemas que os docentes enfrentam. Então, por que não promovermos, também no local de trabalho, discussões sistemáticas acerca dos problemas da educação?

Não descartamos a necessidade de o professor participar de outros ambientes e modalidades de formação continuada, mas consideramos que o local de trabalho dele também deve figurar como espaço importante para essa formação. Da mesma forma, como ocorre com outros profissionais, das mais variadas áreas de atuação - que fazem formação continuada fora do ambiente de trabalho e com o auxílio de outros profissionais, mas que

também a fazem em seus locais de trabalho sob a responsabilidade de seus chefes, encarregados etc., também para o professor isso deve ser considerado.

Além da formação continuada do professor, consideramos também a necessidade da implementação de políticas que efetivamente valorizem a carreira do magistério, com a oferta de condições salariais e de trabalho dignas para esta categoria profissional. Estes fatores devem estar presentes em todas as discussões e pautas políticas que tratam da melhoria da qualidade da educação. A formação e a valorização dos professores são fatores imprescindíveis para a construção de um sistema educacional público e de qualidade no Brasil (BOURDIEU, 1998).

Há muito tempo os professores esperam por um reconhecimento e valorização de sua profissão, porém como se trata de uma atividade profissional caracterizada essencialmente como uma função de estado, a sociedade, edificada no princípio neoliberal de valorização das mercadorias de consumo, não percebe o valor da atividade docente. O poder público, por sua vez, não tem interesse em valorizar um trabalho, cujo fruto é a produção de massa pensante. Assim, historicamente o magistério se configurou como uma profissão de estado que estrategicamente nasceu desvalorizada (FERREIRO, 1995).

Em função da importância que tem a formação dos professores para a educação escolar no campo e objetivando tornar mais explícito nosso entendimento a respeito da formação de educadores para a educação no campo, assim como os atores envolvidos nessa atividade, consideramos necessário apresentar alguns conceitos e princípios desse processo.

Para compreendermos como os saberes dos professores são construídos e trabalhados, por eles, recorreremos a Tardif (2008, p.267), que sustenta a ideia de que os professores em sua ação pedagógica mobilizam e se apoiam em uma série de saberes que se originam de fontes sociais diversas, como por exemplo, sua história de vida pessoal e escolar, com conhecimentos adquiridos durante o curso de formação, curriculares e disciplinares, e produzidos em seu próprio contexto de trabalho. O autor afirma que o objetivo do trabalho docente é o ser humano, ou seja, a educação desse ser.

Quando se fala da aprendizagem, vários aspectos precisam ser considerados, entre os quais está o espaço físico da instituição educativa, o qual muitas vezes não tem recebido a atenção que merece. Segundo Lima (1995, p. 187), é importante levar em consideração que:

Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades, estabelece relações sociais.

Vivenciamos na atualidade o avanço tecnológico e o crescimento da violência como um processo de isolamento, em que a maioria das crianças e adolescentes está cada vez mais acessando, no computador, jogos eletrônicos, gerando um distanciamento do viver coletivo. Este tipo de comportamento tem dificultado o desenvolvimento do espírito de solidariedade, partilha, troca de opinião e demais aspectos importantes no processo da aprendizagem humana. *Neste sentido, as escolas tornam-se muitas vezes um dos poucos locais em que as crianças e adolescentes podem interagir fisicamente com outros atores.*

Logo é de fundamental importância que as instituições escolares disponham de um ambiente físico que proporcione espaços de interação e ludicidade. Estes espaços podem servir de atrativos destes estudantes para o espaço da escola, além do fato que nestes momentos também ocorre à transmissão de conhecimentos e possibilita o debate/discussão da sua cultura, presente quando se trabalha o resgate das brincadeiras de roda, das adivinhações, da música e outras atividades que fazem parte do universo infantil. Segundo Sullivan (2004, p.17):

Quando a ideia do Universo é apresentada à criança de forma certa, faz mais por ela do que apenas despertar seu interesse. Produzirá admiração e assombro, sentimentos mais elevados do que o simples interesse, e bem mais gratificante. O saber que então adquire é organizado e sistemático, sua inteligência torna-se inteira e completa por causa da visão do todo que lhe foi apresentada, e seus interesses espalham-se por tudo, pois tudo está ligado e tem um lugar no universo no qual sua mente está centrada.

Como uma criança ou um adolescente pode sentir-se motivado a estar em um espaço sujo, feio, quente, barulhento e sem vida; onde os adultos reclamam o tempo todo e eles precisam permanecer calados, presos às carteiras e, a maior parte do tempo, ouvindo e copiando informações, como máquinas de xérox. A preocupação não está, exclusivamente, no estudante, mas, no fato de não admitir-se as notas ruins, na necessidade de ser aprovado no vestibular e de apresentar um bom rendimento, sem se preocupar com a aprendizagem humana. Para Pierre Well (1983, p. 100)

Ensinar não consiste mais em fazer com que o aluno ouça, mas com que o aluno aprenda, a diferença é fundamental; antigamente as coisas vinham de cima para baixo, hoje vem de baixo para cima, isto é, parte do aluno, das suas necessidades e do nível de maturação para realizar a sua aprendizagem.

Ao se estudar a educação do campo, não há como sonegar tais análises, sendo necessário chamar a temática ao debate socioeconômico e geopolítico, pois milhares de estudantes e de camponeses fazem parte deste processo marginal, criado pela ideologia dominante, que carrega representações simbólicas na consciência, reproduzindo discursos e práticas da elite não condizentes com a vida e ações das populações do campo, perdurando nos trabalhos sociais e pedagógicos de milhares de escolas Brasil adentro.

A escola e o trabalho pedagógico por ela desenvolvido só poderiam ser compreendidos, quando relacionados ao sistema das relações entre as classes. A escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior e que avaliaria os alunos a partir de critérios universalistas, mas, ao contrário, seria uma instituição a serviço da reprodução e legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes.

Desta forma, é necessário que se pense na importância de se planejar o ambiente físico das escolas levando-se em consideração os seguintes aspectos: a dimensão da escola, recursos materiais, número de turmas, edifício escolar, organização dos espaços, suas mobílias etc. Além disso, para se promover o bem estar de todos que estejam presentes no ambiente escolar, é preciso gostar de estar lá, sentir-se motivado a voltar; do contrário a falta de cuidado com o espaço físico pode tornar-se um dos fatores da evasão, contribuindo para o desinteresse pela aprendizagem.

Na prática, neste início de século XXI, nos movimentos e organizações sociais e na academia científica, a educação no e do campo está se contrapondo ao modelo urbano e tecnocrata de educação, pois o modelo atual só prepara os cidadãos para o trabalho, sem se preocupar com a cidadania, habitação, relações sociais, cultura e formação étnico social.

1.1.A relação entre os educadores / educandos

Um dos grandes desafios para os educadores, em especial das escolas públicas, é construir um laço que integre os educadores, educandos e as famílias, pois onde hoje as

escolas limitam-se ao desenvolvimento cognitivo dos seus educandos, estes, por sua vez demonstram das formas mais diversas possíveis a necessidade de serem vistos e percebidos de maneira integral. As famílias, por sua vez, limitam-se a garantir a manutenção das necessidades básicas de sobrevivência, a escola ainda não era acessível a todos os cidadãos brasileiros. Esse fato ainda é comprovado pelo grande percentual de analfabetos.

Percebemos neste contexto a necessidade urgente de aproximação entre família e escola, oferecendo aos educandos o suporte necessário na garantia do seu bom desenvolvimento. A Constituição enfatizava o ensino pré-vocacional e profissional. A população da área rural, sem perceber, era “reprodutora de crianças”, disponibilizando mão de obra para o mercado em expansão no Brasil, durante todo o século XX, e o sistema educacional foi organizado para lapidar a mão de obra produzida e disponibilizada pelas famílias.

Não se pode pensar em uma educação de qualidade, quando as instituições que legalmente tem a função educativa e não apenas da transmissão de conteúdos. Segundo Maria Cristina (2004, p.38): “Pensamos o sujeito que passa por dificuldades de aprendizagem, como uma pessoa inscrita num sistema familiar, no qual também desempenha um papel, ou seja, influencia e é influenciado”.

Desta forma, percebemos o quanto é forte a relação entre estas instituições. Sendo assim, uma estará sempre interferindo positiva ou negativamente na outra, e os educandos serão o reflexo desta relação. No dia-a-dia das escolas públicas percebe-se que os educandos que apresentam um melhor desempenho escolar são os que a família está presente, acompanhando e participando da vida escolar dos seus filhos. Em contrapartida os educandos com maior dificuldade na aprendizagem, em sua maioria, não tem uma presença ou acompanhamento das suas famílias. Estes também são os alunos que evadem das escolas (LIBÂNEO, 1990).

Neste contexto, percebemos como é crescente o número de educandos que evadem das instituições públicas, pois não encontram nenhuma forma de apoio ou incentivo para continuar a sua vida escolar.

A escola necessita acordar para a necessidade de envolver a família, promovendo encontros que sejam prazerosos e que venham a contribuir para um melhor relacionamento entre os educandos e suas famílias e entre as famílias e a escola.

Os pais alegam não ir à escola por vergonha, pois geralmente são convidados para receber reclamações sobre os filhos. Atitudes como estas só contribuem para afastar ainda mais as famílias da escola.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que os pais relacionam o convite da escola a algo negativo. Sendo assim, é necessário mudar a forma como está sendo conduzida a relação entre a escola e as famílias. É preciso que se perceba que a atitude a ser tomada é criar uma maior interação, fazendo com que a família não se sinta punida pela escola, mas que encontre nesta instituição uma relação de parceria, pois a escola não consegue educar sozinha, sem um constante diálogo com família.

Ao adentrarmos a década de 1960, a educação entrou em processo de universalização para atender as novas necessidades da economia em curso. As escolas, agora escolas públicas, também destinadas aos pobres, à classe trabalhadora, passaram a ter como finalidade, a formação de técnicos para a indústria. A partir desta década muitas escolas situadas nas áreas rurais começaram a ser desativadas, ficando seus prédios abandonados. Na prática, a escola no Brasil historicamente produziu um quadro de exclusão das camadas baixas da sociedade. De acordo com Castro, além de a escola da segunda metade do século XX ser excludente.

Os alunos oriundos das camadas economicamente menos abastadas, ao chegarem aos centros urbanos não se identificavam com a escola, a educação, seus conteúdos e finalidades, pois a diferença entre vivência, prática e o conteúdo estudados pelas escolas urbanas eram distantes de suas origens camponesas. Esta dicotomia entre a escola e os alunos conduziu muitos alunos a abandonarem as escolas.

Por isso, cada caso deve ser avaliado particularmente, incluindo na avaliação o entorno familiar e escolar. Se os problemas de aprendizagem estão presentes no ambiente escolar e ausentes nos outros lugares, o problema deve estar no ambiente de aprendizado. Às vezes, a própria escola, com todas as suas fontes de tensão e ansiedade, podem estar agravando ou causando as dificuldades na aprendizagem. A educação familiar adequada é feita com amor, paciência e coerência, pois desenvolve nos filhos autoconfiança e espontaneidade, que favorecem a disposição para aprender.

2-O TRABALHO PEDAGÓGICO NO CAMPO

Ao considerar os aspectos pedagógicos é imprescindível pensar na importância de se ter um bom planejamento e que este contemple, principalmente, os seguintes aspectos: Quem é o seu educando? Qual o conteúdo a ser abordado? Como relacionar este conteúdo a realidade dos alunos? Quais os procedimentos que devemos adotar? Como os nossos alunos aprendem? Além destes aspectos o educador precisa ter a consciência de que a forma como ele vai interagir com seu educando é um elemento de extrema importância no processo da aprendizagem; ele também precisa estar atento à dimensão social e familiar dos seus educandos. Segundo Pierre Weil (1983, p. 76).

A atenção de quem ensina deve ser concentrada inteiramente nos alunos [...] Está comprovado, hoje, que o verdadeiro educador é o que sabe falar no momento oportuno, para orientar um trabalho em curso ou mesmo para dar uma aula, mas que sabe também calar-se para ouvir o aluno falar ou deixar os alunos debaterem um assunto de interesse coletivo.

Infelizmente o que acontece nas escolas é um verdadeiro desfile de tendências pedagógicas, sugerindo uma nova maneira de ensinar. De uma hora para outra tudo muda e assim deve continuar, pelo menos até que se perceba que não existe uma maneira única de se transmitir o conhecimento, bem como não existe uma forma única de aprender. Cada indivíduo vai desenvolvendo o seu jeito, a sua maneira de descobrir e interagir com o novo, assim como compreender o antigo (WEIL, 1983).

Logo, o trabalho pedagógico precisa estar voltado para as necessidades reais dos educandos não devendo estar atrelado ao modismo, mesmo porque todas as tendências apresentam aspectos positivos e negativos e cada um desses aspectos deve ser considerado de acordo com a maneira como o indivíduo aprende.

Ao pensar um processo de ensino/aprendizagem eficiente é importante considerar os desafios que podemos apresentar aos nossos alunos e ao mesmo tempo considerando em que nível de aprendizagem ele se encontra e onde ele poderá chegar. Muitas vezes a

aprendizagem ocorre de maneira que o educador não consegue percebê-la, sendo assim atuação do educador será muito importante, uma vez que é um profissional capacitado para fazer o diagnóstico e juntamente com outros educadores buscar descobrir como o educando aprende? Onde é preciso desenvolver mais? Por onde começar? Como melhor assisti-lo dentro das suas dificuldades e limitações? Enfim, o apoio pedagógico é um elemento de extrema importância, mas o seu sucesso depende da participação e principalmente do planejamento, da forma de atuação e da perspectiva e atuação de todos os envolvidos.

2.1- Análise e Discussão

A presente monografia assume uma proposta de interação educador/escola que está baseada nos seguintes princípios norteadores:

- A educação de qualidade, como direito fundamental de todas as pessoas, tem como elementos essenciais a equidade, a relevância e a pertinência, além de dois elementos de caráter operativo: a eficácia e a eficiência.
- O Estado (nas esferas federal, estadual e municipal) é o responsável primário pela educação escolar.
- A escola não é somente um espaço de transmissão da cultura e de socialização. É também um espaço de construção de identidade.
- O reconhecimento de que a escola atende alunos diferentes uns dos outros possibilita a construção de estratégias educativas capazes de promover a igualdade de oportunidades.
- É direito das famílias ter acesso a informações que lhes permitam opinar e tomar decisões sobre a educação de seus filhos e exercer seus direitos e responsabilidades.
- O sistema de educação, por meio das escolas, é parte indispensável da rede de proteção integral que visa assegurar outros direitos das crianças e adolescentes.
- A proteção integral das crianças e adolescentes extrapola as funções escolares e deve ser articulada por meio de ações que integrem as políticas públicas intersetoriais.

O levantamento bibliográfico realizado para este estudo revelou ser pequeno o número de iniciativas (projetos, programas ou políticas) em curso na Paraíba desenhadas especificamente para estimular a relação escola-família. Constatamos também que várias

experiências mapeadas via internet, haviam sido interrompidas com pouco tempo de duração, ou não tiveram o apoio necessário do poder público local. Isso pode indicar tanto que tais experiências foram projetadas como eventos pontuais: dia da família na escola, ação comunitária, festividades, enquanto a dificuldade de conceber e implementar uma proposta consistente, sendo apontada a mesma realidade neste município.

Estes fatos contrastam com o discurso difundido por pesquisadores, educadores, gestores educacionais e legisladores sobre a importância de se trabalhar em conjunto com a família dos alunos. Como ler esta distância entre o suposto consenso sobre a relevância de aproximação das escolas com as famílias e a dificuldade de se conceber e implementar programas ou políticas nessa direção?

Os pais/responsáveis relatam o medo de comparecer a escola, quando chamados, pois sabem que isto só ocorre quando seu filho quebra alguma regra da escola, os mesmos sentem-se envergonhados e, na maioria das vezes, preferem deixar o filho sem estudar a ir conversar com os seus professores. Eles relataram que não se recordam de ter presenciado em reunião da escola um momento em que a direção e/ou professores tivessem convidado um pai/responsável, a fim de parabenizá-lo pelo bom comportamento do seu filho, ou seja, o convite da escola é, para eles, uma verdadeira sentença de culpa e de acusações.

Quanto ao aspecto físico das escolas pesquisadas, observa-se que as mesmas ainda são muito precárias não oferecendo as condições necessárias ao bom rendimento escolar dos alunos. Podemos citar como exemplo a escola que atende ao ensino médio e o aluno não dispõe de laboratórios para desenvolver a parte prática das aulas de ciências e a sala onde são “armazenados” os livros é pouco frequentada pelos alunos. Nas duas escolas Jairo Vieira Feitosa e Monsenhor Vicente Freitas existe laboratório de informática, mas os alunos não têm acesso aos mesmos e os motivos alegados são: a falta de monitor, de manutenção dos equipamentos e de cuidados dos alunos para com os equipamentos.

No que diz respeito ao projeto político pedagógico, as Escolas Jairo Vieira Feitosa e Monsenhor Vicente Freitas apresentaram os mesmos projetos PPP, mas estão totalmente desatualizados e poucos são os educadores que procuram ter acesso a este documento. O trabalho pedagógico é organizado por ano/idade, sendo assim, os alunos com histórico de repetência escolar e fora da faixa etária idade/serie, fatalmente acabam ficando em uma mesma turma, intitulada “como a turma problema da escola”. As disciplinas críticas apontadas foram português e matemática, onde foi observado (in loco), que nas turmas “problema” em especial, os alunos em sua maioria não são alfabetizados e os educadores

afirmam não ter condições de alfabetizá-los, mas, precisam trabalhar o seu conteúdo, para tanto ignoram este fato e continuam ministrando as suas aulas da maneira que consideram que deve ser; para eles o aluno precisa sentir a dificuldade e ir em busca do conhecimento que necessitam, sendo a sua tarefa como educador a de passar o seu conteúdo. Em cada sala é atendido em média 35 a 40 alunos.

Apesar de a Lei de Diretrizes de Base (LDB) mencionar a oferta da educação básica para a população rural, não é a mesma compreensão dos movimentos sociais e da academia científica em relação à educação do e no campo. Enquanto a LDB se volta à lapidação de mão de obra visando o mercado de trabalho, os movimentos sociais e academia veem a educação do campo como mudança de sociedade e formação da cidadania.

Os planejamentos são realizados bimestralmente, sendo geralmente o assunto em pauta os alunos “problemas”; e a situação sempre se repete até que os mesmos abandonem a escola e sejam substituídos por outros que passam a ocupar a pauta. Cada professor elabora as suas atividades referentes a sua área de atuação e pouco é realizado em comum, a não ser atividades direcionadas a datas comemorativas, onde alegam ter pouco tempo para trabalhar os seus conteúdos, sendo estes prioridade.

Quando indagados sobre os encaminhamentos e acompanhamento de psicopedagogos, os educadores demonstraram desinteresse, alegando que estes profissionais passam a mão pela cabeça dos alunos e jogam a responsabilidade na escola; eles acreditam que o problema é o desinteresse dos alunos pelos estudos, bem como a ausência de educação familiar – pais que não orientam os seus filhos. No entanto, reconhecem que a escola precisa de um profissional que trabalhe com os alunos que apresentam dificuldades. Uma educadora relatou: “Seria bom se tivesse um psicopedagogo na escola, quem sabe assim ele resolveria os problemas, pois eu já cansei”.

Os educadores afirmaram que sempre convidam os pais a comparecer a escola, nas situações em que os alunos não respeitam o regimento escolar ou não demonstram interesse pelos estudos, sendo que os pais geralmente não comparecem. Quando abordados sobre a participação em seminários, cursos, encontros de aperfeiçoamento, etc., os educadores relataram o desejo de participar destas atividades, mas alegaram ter dificuldades em realizar o mesmo pela falta de tempo.

O currículo escolar nas escolas Jairo Vieira Feitosa e Monsenhor Vicente Freitas é comum a todos os alunos não havendo um cuidado de oferecer atividades diferenciadas aos

alunos com dificuldade de aprendizagem, nem mesmo é feita a avaliação, a fim de identificar o tipo de dificuldade que apresenta.

Em uma das instituições, a Monsenhor Vicente Freitas, o ingresso dos alunos é realizado após a análise de suas notas, pois apenas os que apresentam notas “boas” são selecionados, o que na prática não garante um bom desenvolvimento dos mesmos. Na outra escola basta apresentação dos documentos e a disponibilidade de vagas. É importante salientar que na primeira escola os alunos que repetirem por dois anos seguidos tem a sua matrícula cancelada.

A prática pedagógica nas escolas do campo expressa as divergências políticas entre a concepção de educação rural pautada na política pública estatal e a concepção de campo pautada no debate empreendido pelos movimentos sociais de trabalhadores. Com isso, coloca professores, secretarias de educação, diretores, entre outros, em processo de indagação quanto à prática desenvolvida nas escolas do campo. Percebemos que a educação do campo apresenta heterogeneidade no que tange à prática educativa em sala de aula e à gestão da escola, uma mostra de que a realidade, lentamente, vem sendo modificada pela prática social.

Em relação à aprendizagem é relatado o desinteresse dos alunos pelo estudo, bem como a ausência da participação das famílias. Neste caso, para os educadores, as famílias estão deixando de cumprir a sua função delegando toda a responsabilidade para a escola, já a família atribui a escola as dificuldades de aprendizagem dos seus filhos e nenhuma das instituições reconhece a sua corresponsabilidade.

Sendo que ambas atendem alunos com necessidades especiais, em sua maioria com deficiência visual e transtorno mental, mas, tanto os professores quanto gestores afirmaram a dificuldade encontrada pela falta de recursos e habilidade para trabalhar com os mesmos.

É a ausência de escola, de professor com formação consistente para o trabalho nas escolas localizadas nos assentamentos; ausência de técnico-agrícola; ausência de professores.

Os gestores escolares ao serem questionados se já ocorreu algum caso de agressão física ou verbal no interior da escola, em ambas responderam que sim, incluindo agressão a professores e funcionários, e os agressores foram expulsos. Foi relatado, também que a maioria dos alunos atendidos, nestas instituições, é de família com baixo poder aquisitivo, onde um grupo considerável de uma maioria tem como única renda: o benefício do “Programa Bolsa Família”, outros trabalham na feira pegando frete. São crianças e

adolescentes, filhos de pais separados, criados por avós, tios e alguns vivem praticamente sozinhos, existindo uma alta vulnerabilidade social; constatamos um numero muito pequeno de alunos que convivem em um núcleo familiar onde esteja presente a representação do pai e da mãe.

Para tratar da participação dos pais na escola é necessário que a escola desenvolva ações voltadas para a participação desses sujeitos; ações essas que visem garantir um ambiente de cooperação entre as pessoas envolvidas na escola, onde os valores humanos pautados no respeito, na dignidade e na integridade sejam a tônica dessas relações. Acreditamos que a gestão da escola desempenha uma função importante em todas as ações desenvolvidas na instituição por ser esta quem assume o papel de direcionar e acompanhar as ações e propostas de trabalho a serem desenvolvidos durante todo o ano letivo.

As equipes técnicas das escolas apresentaram situações distintas, mas com problemáticas em comum. Em uma das escolas existe um psicólogo a disposição, mas o mesmo não atua segundo o relato de alguns professores como deveria.

Diante do que apresentamos, parte da explicação parece estar na conjunção da complexidade do tema e nas inúmeras dificuldades que as escolas públicas brasileiras enfrentam para acolher o universo das crianças em idade de escolarização obrigatória; bem como da vulnerabilidade familiar e social. As pesquisas mostram também que esta interação nem sempre é cordial e solidária. Ela pode ser uma relação armadilhada, onde nem tudo o que reluz é ouro ou um diálogo (im) possível, como descrevem alguns teóricos mais influentes sobre a questão. A exemplo Barbosa, Ferreiro e Mantoan.

Um agravante da dificuldade do empreendimento pode ser a falta de referências concretas de experiências municipais e escolares que obtiveram resultados comprovados de uma interação que resultasse em melhoria na qualidade educacional.

Com base nas informações bibliográficas, fizemos uma leitura transversal que aglutinou as experiências, no entanto, toda tipologia deve ser tomada como uma das possíveis interpretações dos dados e tem efeito simplificador que redundam em perdas. Perdem-se a riqueza dos contextos, as nuances de situações muito distintas e os detalhes de cada experiência concreta. Na realidade, uma mesma experiência pode ter simultaneamente objetivos, estratégias e resultados de diferentes tipos, de forma que eles não são mutuamente excludentes.

Nossa expectativa com esta ação é colaborar com a reflexão de gestores e educadores, que realizam atividades de interação escola-família: como podem ampliá-las, redirecioná-las ou iniciar novos cursos de ação segundo as necessidades diagnosticadas.

Na teoria sabemos que todas as escolas e redes de ensino fazem reuniões de pais e promovem debates sobre as mudanças sociais que afetam as crianças, jovens, escolas e famílias. Nessas ocasiões apresentam seus projetos pedagógicos, falam de seus planos e convidam palestrantes para esclarecer sobre o perigo do envolvimento com drogas, o risco de uma gravidez precoce, a dificuldade de impor limites e manter a autoridade do adulto etc. Muitas vezes, as reuniões são organizadas de forma lúdica, com técnicas de dinâmica de grupo para que as pessoas se sintam acolhidas. Mas, na medida em que a escola defende seu lugar de protagonista, abrem poucos canais de escuta sobre o que os pais têm a dizer, esse acolhimento é superficial. E, assim, tem sido a realidade vivenciada na maioria das instituições públicas.

Reafirmamos a importância desse tipo de atividade, mas é importante também analisar alguns de seus limites. A ideia de educar as famílias costuma ter por base a suposição de que elas são omissas em relação à criação de seus filhos. Essa omissão parental que alguns autores como Solé e Libaneo nomeiam como um mito aparece reiteradamente no discurso dos educadores como uma das principais causas dos problemas escolares.

Esse tipo de explicação incorre numa inversão perigosa de responsabilidades. Uma coisa é valorizar a participação dos pais na vida escolar dos filhos, outra, é apontar como principal problema da educação escolar a falta de participação das famílias. A não participação dos pais talvez seja um dos maiores problemas presentes na escola, basta observar as atitudes comportamentais dos alunos diante das propostas que são lançadas e trabalhadas na escola.

No entanto, o que se percebe é certa resistência dos pais na participação do processo ensino aprendizagem do filho. Isso se dá por vários motivos, em geral, os pais detêm pouco ou nenhum grau de escolaridade, são residentes na zona rural do município; muitos deles são agricultores familiares e dependem da comercialização dos produtos que cultivam em suas plantações para sobreviver e, por vezes, não dispõem do tempo necessário para despendar a atenção necessária para lidar com os problemas de seus filhos frente à unidade escolar.

2.2. O processo de inclusão e exclusão

Reconhecemos os avanços em relação ao processo de inclusão nas escolas brasileiras. Contudo, sabemos que existe muito a ser discutido e, principalmente, colocado em prática.

O cotidiano dos espaços escolares é marcado pela violência, bem como tem se tornado mais excludentes do que inclusivos. O processo de inclusão é focado apenas no fato de acolher pessoas que apresentem deficiências físicas e mentais. E, se considerarmos o processo de inclusão em si, muitas vezes os alunos (as) estão no espaço da escola, mas não vivem/sentem a escola e muito menos são percebidos e orientados da forma que deveriam, por exemplos profissionais melhor preparados.

As escolas brasileiras ainda priorizam os estudantes que conseguem as melhores notas, com presença assídua e bom comportamento; e qualquer outra forma diferente deste padrão não é percebida; é como se os educandos estivessem lá, mas não existissem. Infelizmente, é desta forma que muitas das crianças, adolescentes e jovens se veem e, na maioria das vezes, abandonam a escola, pois, logo são rotulados de desinteressados, preguiçosos, etc.

A falta de preparo por muitos dos profissionais e, principalmente, de um profissional especializado em identificar e acompanhar os estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem tem contribuído para o fracasso escolar, elevando os índices de evasão escolar, repetência, violência. Segundo Mantoan (1991, p. 94)

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa autoestima resultante da exclusão escolar e da social - alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os seus sentidos. Esses alunos são sobejamente conhecidos das escolas, pois repetem as suas séries várias vezes, são expulsos, evadem e ainda são rotulados como mal nascido e com hábitos que fogem ao protótipo da educação formal.

Desta forma, o educador tem um papel importante na construção de um novo paradigma educacional, o qual preze pela inclusão social e educacional, oferecendo

oportunidades àqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem, os quais precisam ser vistos não mais como alunos problemas, mas sim como alguém que precisa ser orientado de maneira diferente do convencional; onde o educador tenha o apoio e a orientação adequada a fim de conduzi-lo de forma coerente no seu processo de aprendizagem, tendo para tanto garantida a oportunidade de aprender, pois todos são igualmente capazes. Todo ser humano consegue aprender. A não aprendizagem está relacionada não a incapacidade do indivíduo, mas sim a múltiplos fatores. O educando constrói-se a partir das relações entre um mundo externo, estruturado pela cultura e pelas condições históricas, e por um mundo interno, não somente no aspecto cognitivo, mas afetivo, que envolve desejos, pulsões, sentimentos e emoções, portanto, é extremamente importante aproveitar essas relações (MANTOAN, 1991).

Segundo o autor:

A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidade de ensino, tipos de serviço, grades, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam (MANTOAN, 1991,p.34)

A escola é uma instituição social com poder de intervenção na realidade e que, por este motivo, deve estar conectada com as questões mais amplas da sociedade incorporando-as à sua prática. A ciência aplicada deve destinar-se a um conhecimento que colabora para a compreensão do mundo e suas transformações, para reconhecer o homem como parte do universo e como indivíduo. Dessa forma, a educação contemporânea deverá buscar uma ciência contextualizada capaz de construir uma aprendizagem significativa, que garanta a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade sustentável (BRASIL, 1997).

2.3 – Aprendizagem

A aprendizagem é um processo e este não pode ser resumido apenas a aprendizagem escolar, pois é um processo constante que perdura por toda a vida do indivíduo, permitindo-lhe compreender, relacionar, interagir com o coletivo, fazer as

diferenciações e a transformar a sua realidade. Para isso, será necessário o uso da inteligência, dos desejos, das necessidades e das conexões estabelecidas.

Consideramos importante destacar que não se pode restringir o processo da aprendizagem apenas ao cognitivo, uma vez que ela está voltada para o desenvolvimento pleno do ser. Assim, é necessário pensar a aprendizagem nos aspectos do desenvolvimento cognitivo, psicológico, físico, social e espiritual, visando o seu sentido holístico. Conforme Rego (2000, p.15): “O desenvolvimento humano está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica (e dialética) através de rupturas e desequilíbrios provocados de contínuas reorganizações por parte do indivíduo”.

Diante deste entendimento sobre a aprendizagem, percebemos a importância de observar o indivíduo no seu contexto social econômico, familiar e escolar, uma vez que todos estes fatores podem vir a contribuir de maneira, tanto positiva quanto negativa, para a sua formação integral. Neste sentido, cabendo ao pedagogo, enquanto profissional especializado em aprendizagem, estar atento a estas informações.

Quanto à aprendizagem escolar, convém salientar que cada indivíduo tem o seu tempo e a sua dinâmica de aprender. Logo, as instituições erram reiteradas vezes por não considerar tais fatores; não observando a evolução pessoal do educando, mas o que se espera dele no que diz respeito a sua capacidade de memorização e reprodução mecânica de conteúdos preestabelecidos.

Este é um fato importante a ser destacado, pois geralmente o educador se vê diante de um estudante que não consegue acompanhar o ritmo estabelecido, mas consegue superar as suas próprias limitações e, na maioria das vezes, isto não é percebido ou considerado no seu processo de aprendizagem.

O educador tem um papel muito importante na motivação dos pais e alunos. Os educadores percebem os avanços do educando, assim como ele próprio (o aluno) a ter a percepção de superação de suas limitações, pois geralmente os seus esforços para efetuar determinadas conquistas são muito grandes, mas, quando não são percebidas, o educando acaba perdendo todo o estímulo, apresentando resultados cada vez mais negativos.

Também é fundamental termos o cuidado para não atribuir a dificuldade na aprendizagem escolar apenas a fatores biológicos, pois nem sempre essa é a realidade. O olhar do pedagogo tem que ser sensível ao educando e também cabe a ele despertar no educador este mesmo olhar, a fim de que a aprendizagem de fato aconteça.

Ao aproveitar o conhecimento cotidiano dos alunos e de sua comunidade, o professor os incentiva a conhecer o científico, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem (CARNEIRO, 2006). Esta atitude de favorecer o desenvolvimento de uma postura reflexiva e investigativa, colaborando para a construção da autonomia de pensamento e ação e de sua compreensão do mundo e de suas transformações e para o reconhecimento de que ele é parte desse universo (BRASIL, 1998).

2.4 – Avaliação

O educador precisa ter a consciência de que não pode esperar pelo sistema governamental para fazer a mudança na educação, mas cabe a cada educador (a) fazer o seu trabalho, adaptando o que pode ser adaptado e fazendo as modificações e substituições quando necessárias. É preciso ter o desejo e oferecer ao seu aluno o seu melhor e assim exigir dele o melhor que ele pode oferecer naquele momento. A sensibilidade no olhar do educador, para tanto é fundamental, pois estes momentos às vezes são sutis e podem passar despercebidos. É importante que se tenha a clareza de que o pior que pode acontecer a um educando é a reprovação, pois isto o desmotiva e esta é uma das principais causas da evasão escolar.

A avaliação do educador para com seu educando precisa estar voltada para o ser integral e ficar presa ao conteúdo. É importante lembrar que a aprendizagem é um processo que permeia toda a vida do indivíduo e que não existe o momento certo para aprender determinados conteúdos, isto quem irá determinar é a necessidade do educando.

Qual é o educador que domina ou sabe claramente sobre todos os conteúdos que estudou durante o seu processo de formação? Quem garante que o educando que sempre tem uma nota dez em todas as disciplinas tem de fato o domínio de todo conteúdo que lhe foi apresentado? Ele compreende e assimila de fato ou simplesmente memoriza as informações apresentadas pelo seu professor? Se o professor no final do ano letivo perguntar, ao grupo dos seus melhores alunos, quais os conteúdos que lhes foram ensinados, desde o primeiro bimestre, dificilmente ele saberá responder, e se fizer perguntas específicas sobre os conteúdos a situação torna-se ainda mais difícil. Segundo Carrara:

É preciso emoção para que o aprendiz dê conta dos conteúdos acadêmicos. É preciso colocar-se no lugar dele, sentir como ele, raciocinar como ele. 'E quando estiveres perto eu arrancarei teus olhos e os colocarei no lugar dos meus. E tu arrancarás meus olhos e os colocarás no lugar dos teus; então, eu te olharei com teus olhos e tu me olharás com os meus'. Será que não é isso que falta para nós educadores, além da criatividade e do entusiasmo?

Devemos buscar saídas, trocar experiências já vividas, de modo que os educandos adquiram conhecimentos desejados pela escola e que são um direito de todos. É interessante que os educadores prevejam momentos nos quais os educandos possam desenvolver-se de forma ampla, interagindo entre si, com o educador e com os demais que fazem parte da equipe escolar. Ao partimos do princípio de que a escola representa a vida em sociedade e que a sua função é preparar os indivíduos para esta convivência, estamos avaliando os nossos alunos de maneira errônea. Os indivíduos buscam o conhecimento conforme a necessidade, assim como buscamos a água quando sentimos sede e sabemos que a sua falta pode nos matar.

Existe uma relação entre aquele que aprende e aquele que ensina. Ao tomar consciência e adquirir controle sobre sua aprendizagem, acreditamos que os educandos possam chegar a melhores e mais significativos resultados em sua vida escolar.

É na perspectiva de despertar nos educandos o desejo de buscar o conhecimento que o educador precisa atuar e não movido pelo desejo de ensinar, pois quando o educador consegue despertar em seus educandos a sede do conhecimento, cria condições objetivas para que uma educação realmente seja possível.

2.5 - A atuação do educador no campo

Quando buscamos aprofundar o conhecimento sobre a importância da atuação do educador no campo, percebemos que ainda existem muitas controvérsias a respeito da sua qualificação, em especial quando este não tem formação em superior e desempenham esta atividade, como descreveu Barbosa (2008, p.8 e 9):

A escola passou a ser terra de ninguém, todos palpitavam e o (a) professor (a) sentia-se cada vez menos sabedor (a). Diante de tantas ideias, sugestões e orientações, a escola obrigou-se a resgatar seu espaço

pedagógico, a enrijecer a sua função de ensino do conteúdo, a diminuir interferências das especialidades em seu interior, unificando o papel da Orientação Educacional e da Supervisão de Ensino, na figura do pedagogo, e a desacreditar das contribuições dos especialistas no interior da escola.

Nesta busca por preencher esta vacância do psicopedagogo na sua condição de educador, independentemente de ser psicólogo, pedagogo, mas como um profissional voltado o desenvolvimento cognitivo, social ou afetivo dos seus educandos, e, também, como profissional com uma visão integral do ser; voltado para construir, juntamente com os educadores, alternativas que facilitem o processo de ensino-aprendizagem em todo o âmbito escolar. Não cabe a ele resolver os problemas, mas mediar a equipe escolar na busca por alternativas que melhorem o desempenho escolar e pessoal dos envolvidos.

O principal aspecto que deve ser sempre considerado pelo pedagogo é a importância do diálogo, pois, na sua condição de educador, com a vivência da dinâmica do espaço escolar, pode colaborar na integração dos educadores, educandos e as famílias destes.

Não é possível ter uma educação de qualidade, pensando-se como se as pessoas estivessem em uma produção industrial, onde cada máquina constrói um pedaço do indivíduo e depois se junta tudo, apresentando as suas famílias e à sociedade um produto final de qualidade, pronto para o mercado de trabalho; ou aqueles que não ficarem muito bem, ou por acaso apresentarem algum defeito são descartados.

O que nos chama a atenção é o fato de não ser possível pensar em educação de qualidade sem antes pensar na necessidade urgente das instituições educacionais do Brasil de fazer um trabalho de socialização e integração dos educadores. Neste processo vedem ser incluídos como interlocutores - do porteiro ao vendedor de pipocas, que fica na porta da escola, bem como os pais, professores, comunidade, enfim, todos que estejam direta ou indiretamente envolvidos neste processo.

O educador tem como um dos seus desafios a conquista da confiança dos educadores, educandos e a da família, em vista de mediar a construção de uma proposta de integração entre todas as áreas do conhecimento, numa proposta de educação integral.

Certamente o dialogo é o caminho. Mas, o processo para que ele se estabeleça é bastante árduo e os resultados sempre aparecem. Sendo assim, o pedagogo nada mais é que um educador que domina um conhecimento específico voltado para a superação das

dificuldades na aprendizagem, entre elas cabe o despertar de que este não pode ser um trabalho centrado apenas na sua atuação, mas, envolve a participação de todos os atores envolvidos. Não sendo função exclusiva pedagogo apresentar as soluções, mas ele colhe as propostas, partilha e as desenvolve em conjunto.

Dessa maneira é necessário oferecer ao professor do campo uma proposta articulada para o trabalho com a educação; tendo uma concepção mais completa sobre a valorização do meio em que os alunos vivem, algumas vezes tirando o seu próprio sustento do campo.

O conhecimento será fundamental a participação social e formação profissional. Mas é indispensável à continuação do processo de aperfeiçoamento. É preciso que o Estado e o Município intervenham na execução destas propostas. Que haja leis que protejam o aluno, obtendo-se muitos resultados positivos e promissores.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participaram da pesquisa 2 administradores escolares , 1 supervisor , 10 alunos e 10 educadores .A escolha das escolas se justificam pelo público atendido e pelas condições tão adversas das mesmas , sendo importante relatar que os dados aqui apresentados não estão nem um pouco distantes da realidade encontrada nas demais instituições deste município e muito menos das reais condições da maioria das escolas públicas deste país.

A escola Monsenhor Vicente Freitas é uma instituição tida como a de melhor conceito pela comunidade local, outros fatores considerados são o da mesma que está localizada na zona urbana deste município e ser uma instituição estadual. A outra instituição escolhida atende a estudantes da zona rural com Fundamental I, II e EJA não apresenta um bom conceito na comunidade local, onde é vista como um espaço onde as brigas são frequentes, embora tenha mudado um pouco a realidade da mesma a percepção da comunidade ainda persiste.

Na realização da pesquisa foram utilizados três modelos de questionários sendo o primeiro aplicado junto aos administradores das respectivas instituições, um segundo modelo foi direcionado aos educadores e o terceiro aos responsáveis pelos estudantes. Os mesmos contaram com questões objetivas e subjetivas e foram direcionados a investigação dos aspectos físicos e pedagógicos, tendo como foco as condições de atuação do educador e para tanto as informações foram organizadas em nove tópicos: 1-O espaço físico da escola; 2-Os educadores e suas perspectivas; 3-O aspecto pedagógico; 4-Relação entre os educadores –educandos - família; 5-O processo de inclusão e exclusão; 6-Aprendizagem; 7- Avaliação; 8- A atuação do

educador ; 9- Propostas para atuação do educador .

Neste trabalho apresentamos os desafios que estão presentes na formação de educadores para a educação no campo nas instituições públicas, mas destacando que esta não é uma realidade apenas local, mas que se faz presente na maior parte das instituições públicas de ensino deste país. Esperamos que o mesmo possa contribuir de maneira a orientar os educadores sobre as fragilidades e potencialidades presentes nestes espaços, garantindo um melhor desempenho do seu trabalho juntamente com os demais envolvidos no processo da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos reunir informações tendo como base as pesquisas realizadas junto a duas escolas do Município de Pombal /nas escolas Jairo Vieira Feitosa e Monsenhor Vicente Freitas, além de informações coletadas juntamente aos membros da comunidade circunvizinhas as instituições pesquisadas, além de informações adquiridas durante os oito anos dedicados a educação e das referencias bibliográficas que foram de grande importância, na realização deste trabalho.

As escolas públicas de Pombal, assim como a grande maioria das escolas do Brasil, vivem, cotidianamente, grandes conflitos, onde a luta pela sobrevivência tem levado os pais a deixarem a responsabilidade pela educação dos seus filhos nas mãos dos educadores escolares e, estes, por sua vez devolvem às famílias a responsabilidade; enquanto não se descobrem quem são os culpados e as vitimas.

Sabe-se o quanto é importante a atuação destas instituições no processo de formação do individuo, assim como, a importância da atuação de um profissional que esteja voltado para a difícil tarefa de reconstruir os laços entre os educadores, educandos e família.

Está seria a tríade educadores, educandos e família perfeita, para que os educandos sintam-se protegidos e orientados de forma a desenvolver-se em todos os seus aspectos humanos e em especial o cognitivo, sendo este o desafio do educador. Neste processo, é decisivo focar no indivíduo, considerando as suas limitações originais, bem como as impostas por falta de um acompanhamento educacional voltado para a formação qualitativa, e, não apenas quantitativa, como vem acontecendo nas instituições escolares, onde o que está em evidencia não é o que o educando aprende, mas, o que o educador deseja que ele aprenda.

Na condição natural de educadores e educadoras e partindo do princípio de que a aprendizagem é um processo que permeia toda a existência humana, não se pode compactuar com os caminhos tortuosos que estão sendo oferecidos aos educandos do Brasil. Não é possível cruzar os braços para a realidade, que, direta ou indiretamente, somos responsáveis.

Obviamente, quando falamos dos desafios do educador estamos refletido necessário sobre a importância do valioso trabalho que estes profissionais podem vir a desenvolver nas escolas públicas, as quais apresentam visivelmente a carência deste auxílio, possibilitando a orientação do processo de aprendizagem de todos os envolvidos.

Certamente é chegado o momento de se partir para efetivar as ideias e sair do discurso e do papel de investigadores em busca de culpados, que respondam as dificuldades que permeiam o espaço escolar. A ideia é propor aos educadores e demais atores envolvidos na educação criar meios que motivem a equipe escolar, educandos e as famílias a participarem deste processo de valorização e defesa de uma educação participativa e de qualidade.

Embora o tema esteja direcionado a atuação do educador do campo, temos a preocupação de chamar a atenção para o fato de que os desafios nas instituições públicas não se restringe apenas a este município e a realidade vivenciado no mesmo não difere muito das demais escolas do Brasil. Sendo assim esse trabalho é destinado a todos e todas aqueles(as) que amam a educação e buscam incansavelmente, soluções para oferecer condições que favoreçam uma educação mais prazerosa e de qualidade para os educandos , educadores e famílias do Brasil.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALVES, Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares. São Paulo. Ars. Poética, 1995

AMAZONAS&LIMA. Maria Cristina Lopes de Almeida, Albenice de Oliveira. Família: diversos dizeres Org. Maria Cristina de Souza Brito... [et. tal]. Recife. Ed. Bagaço, 2004.

ARROYO, Miguel G. (org). Da Escola Carente à Escola Possível. Coleção Educação, 1998.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. Psicopedagogia: Um diálogo entre a psicopedagogia e a educação. 2ª edição. rev. e ampl. Curitiba; Bolsa Nacional do livro, 2008.

BARROS, C.S.A. Pontos de Psicologia Escolar. São Paulo. Ed. Ática, 1995.

BOSSA, Nadia. Dificuldades de Aprendizagem: O que são? Como tratá-las?. Artmed-Bookman.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DAVID& OLIVEIRA. Claudia, Zilma de Moraes Ramos de. Psicologia na educação. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor) 2ª edição. rev. São Paulo. Ed. Cortez, 1994.

FERREIRO. Emilia. Reflexões sobre alfabetização. 24ª edição. Ed. Cortez -1995. Coleção: Questões da Nossa época. v14.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. 6ª edição. Ed. Cortez. São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Ed. Paz e Terra. Coleção Leitura. 11ª Edição. São Paulo, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública. São Paulo : Loyola, 1990.

LIMA, M. W. S. Arquitetura e educação. São Paulo, Studio Nobel, 1995

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?* São paulo: Moderna, 2003. p. 13-20 e 27-34. Popular. 8ª edição. Ed. Loyola. São Paulo, 1991.

MILHOLLAN/FORISHA. Skinner X Rogers: Maneiras contrastantes de encarar a educação. Summus editorial. São Paulo, 1972.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo. EPU, 1986.

MOSCOVICCI, Felá. Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo. 17ª edição. Rio de Janeiro. Ed. José Olímpio, 2008.

O'SULLIVAN, Edmundo. Aprendizagem transformadora: Uma visão educacional para o século XXI; tradução de Dinah A. de AZEVEDO. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2004.

PORTO, Olívio. Psicopedagogia Institucional. Teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 2ª edição. Ed. Wak. Rio de Janeiro, 2007.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

RIVIÉRI, Enrique Pichon. O processo grupal. 6ª edição. São Paulo. Ed. Martins Pena, 2004.

RIVIÉRI, Enrique Pichon. Teoria do vínculo. São Paulo. Ed. Martins Pena, 2000.

SENAC, DN. O processo de Ensino aprendizagem. Beatriz Maria de A. Pinheiro, M^a Helena B. Gonçalves. Rio de Janeiro. Ed. Senac nacional, 1997.

SOLÉ, Isabel. Orientação educacional e intervenção psicopedagógica; trad. Beatriz Afonso Neves-Porto Alegre. ARTMED Editora, 2001.

WEILL, Pierre. A criança, o lar e a escola. 10ª edição. Ed. Vozes. Petrópolis, 1983.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. Psicopedagogia clínica-uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 12ª Ed. Rio de Janeiro. Ed. Lamparina, 2007.

APÊNDICES

Apêndice- A

Dados administrativos da Escola

1-Nome da Instituição: _____

2-Nome do gestor: _____

3-Equipe de especialistas que atuam na instituição:

() psicólogo () psicopedagogo () supervisor () professores da educação infantil () professores do fundamental I () professores do fundamental II () professores do ensino médio () _____

4-Endereço da Instituição: _____

Tel: _____ email _____

5-Localização da instituição

() zona urbana () zona rural

6-Dependência administrativa da instituição:

() Municipal () Estadual

7-Níveis e modalidades de ensino ministrados na instituição:

() Educação Infantil () Ensino Fundamental- 1º ao 5ºano

() Ensino Fundamental – 6º ao 9ºano () Ensino Médio () EJA

() _____

8- O trabalho pedagógico é organizado:

- () por ano
() por ciclos
() por classes multisseriadas
() outro critério. Qual? _____

9-Dependências escolares e condições de uso.

10-Disciplinas críticas. Quais são? _____

11-Distorção idade-série.Os alunos estão dentro da faixa etária? _____

12-Recursos humanos

- () diretor _____
() vice-diretor _____
() Coordenador- pedagógico _____
() professor _____
()secretario _____
()apoio administrativo _____
()bibliotecário _____
()merendeira _____
() serviços gerais _____
() outros _____

13- Requisitos para o ingresso na escola: _____

14-De que forma a instituição tem tratado os problemas relativos as faltas ,aos atrasos,evasão e a indisciplina dos alunos? _____

15-Horários da rotina escolar. Em quantos turnos a instituição funciona?

() um turno. Qual? _____

() dois turnos. Quais? _____

() três turnos.

16-Qual é a média de alunos atendidos por turma? _____

17-A escola possui Regimento Escolar?

() Sim () Não

Diversidade e inclusão

18-A instituição já teve algum caso de agressão física ou verbal no seu interior?

() sim.Como foi? _____

() não

19-A instituição atende alunos com necessidades especiais?

() sim.Qual? _____ () não

20-Existe uma equipe especializada que ofereça apoio a o aluno com necessidades especiais, a seus pais e aos educadores?

() sim.Quem são? _____ () não

21-Quais os procedimentos que a instituição costuma adotar quando identifica que o seu aluno tem dificuldade na aprendizagem?

23-Quais as principais características dos alunos que frequentam a instituição?

24-O currículo escolar está adaptado para os alunos com dificuldades na aprendizagem?

24-Existem alunos com jornada de trabalho formal ou informal?Em caso afirmativo, que tipo de trabalho é realizado? _____

25-Observações complementares:

Organização do trabalho pedagógico

1-A instituição possui Projeto Político Pedagógico?

() Sim.Quem elaborou?

() Não.Quais as razões?

2-O PPP atende às necessidades de aprendizagem dos alunos?

() sim () não

3- Os professores recebem periodicamente o apoio e orientações no desenvolvimento de sua prática pedagógica?

() sim .Qual?_____ () não

Planejamento

4--A escola desenvolve processos de planejamento?

() Sim- Descreva-os sinteticamente

() Não.Indique a razão

5-Quem participa do processo de elaboração?

6-situação da psicopedagogia na instituição:

7-Observações complementares:

Dados familiares

1- Características sócio-econômica-cultural. Profissão dominante dos pais:

() autônomos () beneficiários () CDL () desempregados () aposentados

2-Escolaridade dos pais:

() analfabetos

() Ensino fundamental I incompleto

() Ensino fundamental II incompleto

() Ensino fundamental I completo

() Ensino fundamental II completo

() Ensino médio incompleto

() Ensino médio completo

() Superior incompleto

() Superior completo

3-Renda familiar:

() menos de 1 salário mínimo() 1 a 2 salários () 3 a 4 salários () 5 a 6 salários () acima de 7 salários

4-Número de pessoas na residência: () descrição

*As questões a seguir foram tiradas do guia educação em família

5-O que você faz se seu filho vai mal nas provas?

- a)() evito ir á escola para não ouvir reclamações dos professores.
- b)() Coloco-o de castigo e passo a exigir mais dedicação.
- c)() Vou à escola para descobrir o motivo e como ajudar a melhorar.

6-A escola costuma promover reunião de pais e mestres?

- a)() sim frequentemente
- b)() sim raramente
- c)() não

7-Você vai ás reuniões de pais e mestres?

- a)() Não,não tenho tempo
- b)() Apenas quando há algum problema com meu filho.
- c)() Sim,sempre que possível.

8-Durante as reuniões de pais e mestres...

- a)() Participo e dou minha opinião sobre o que é discutido
- b)() Ouço o que a escola tem a dizer
- c)() Falo exclusivamente sobre os problemas do meu filho.

9-Como você vê ou considera a escola do seu filho? E a sua ?

Apêndice-B- Educadores

1-Como educador/professor com que frequência você realiza as atividades abaixo:
(marque uma opção por linha)

ATIVIDADES	Sempre	raramente	Uma ou duas vezes por mês	Nunca
Planejamento das atividades a serem desenvolvidas com os estudantes, considerando os alunos que apresentam dificuldade na aprendizagem	()	()	()	()
Registros das atividades	()	()	()	()
Elaboração de relatórios sobre as dificuldades apresentadas no processo da aprendizagem dos alunos	()	()	()	()
Pesquisa e seleção de materiais didáticos a fim de atender os alunos com dificuldade na aprendizagem	()	()	()	()
Reunião com outros educadores/professores afim de buscar meios para auxiliar no processo da aprendizagem dos alunos com dificuldade na aprendizagem	()	()	()	()
Encontros com o coordenador pedagógico buscando promover o bom desempenho dos alunos com dificuldade na aprendizagem	()	()	()	()
Encontro com toda os demais educadores/professores da rede afim de aprimorar os seus conhecimentos sobre as dificuldades na aprendizagem e a forma de como lidar com os alunos que apresentam dificuldade	()	()	()	()
Encontros com os familiares dos seus alunos para conversar sobre as observações feitas ,em sala de aula, bem como buscar meios para auxiliar no processo da aprendizagem dos alunos	()	()	()	()
Participação em seminários, cursos, encontros de aperfeiçoamento, etc. afim de conhecer mais sobre as dificuldades na aprendizagem e os possíveis meios de intervenção	()	()	()	()

Encaminha os seus alunos para a realização de um diagnóstico psicopedagógico	()	()	()	()
------------------------------------------------------------------------------	-----	-----	-----	-----

2- Dentro de a sua atividade você trabalhar em parceria com o apoio psicopedagógico?

() Sim () Não

3 - Você acha que é importante o trabalho de um psicopedagogo nas escolas?

() Sim () Não

4-Na sua opinião o psicopedagogo é um profissional importante e que deve estar presente na instituição escolar?

() Sim () Não

5-Você aceitaria o acompanhamento psicopedagógico com os seus alunos?

() Sim () Não

6- Como você vê a atuação do psicopedagogo nas escolas?
